

ESBOÇO DO SERMÃO 27

I. A separação entre a religião íntima e a religião externa encarada como um estratagema de Satanás. O zelo pelas obras da lei tem determinado a negligência da justiça que é pela fé; outros caem no extremo oposto e maldizem da lei. Assim, fé e obras se colocam em conflito. Em ambos os casos há erro, quer se trate da negação da necessidade das boas obras, ou da substituição destas pela lei da fé. Do mesmo modo o fim e os meios da religião têm sido colocados em oposição. A religião integral não consiste em tomar parte nas orações da Igreja, participar da Santa Ceia, ouvir sermões e ler manuais piedosos. Amar a Deus e ao próximo são partes essenciais da religião. Estas observações se aplicam fortemente ao jejum. Muitas pessoas o exaltam em excesso e outras o menosprezam. A verdade está entre os dois extremos. O jejum nem é tudo, nem é prática desvaliosa.

II. A natureza do jejum. Não comer, abster-se de manjares, por um tempo prescrito. Circunstâncias externas com ele relacionadas nos tempos antigos. Essas matérias secundárias não são referidas imperativamente no Novo Testamento ou nas mais puras idades da Igreja. Semelhantes ostentações de humilhação são mais próprias aos sequazes de Baál e de outros deuses do paganismo. O tempo de jejum usualmente mencionado nas Escrituras vai da manhã ao anoitecer. Relação entre abstinência e jejum. A espécie inferior de jejum. Jejuns estabelecidos no judaísmo e na Igreja Cristã. Mortificações ocasionais.

III. Os fundamentos, ou razões, e o fim do jejum. Sob a influência de emoções fortes, paixão veemente, tristeza ou temor. Passagens notadas. A verdadeira base do jejum. Citação da homilia sobre o jejum. A razão mais convincente daquela prática é a de prestar auxílio à oração, especialmente quando se destina certo tempo a tal exercício. Ainda assim, não há relação natural entre o jejum e as bênçãos de Deus canalizadas por ele. A ira de Deus provocada por essa prática. Os apóstolos sentiam prazer no dever de jejuar, desfrutando-o com oração.

IV. Objeções consideradas.

SERMÃO 27

SOBRE O SERMÃO DO MONTE

Discurso 7

“Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas; porque eles desfiguram os seus rostos, para fazer ver aos homens que estão jejuando; em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa.

Tu, porém, quando jejuas, unge a cabeça e lava o teu rosto,

Para não mostrares aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te retribuirá publicamente.”

Mt 6.16-18

1. SATANAS tem posto todo seu empenho, desde o alvorecer do mundo, em separar o que Deus juntara; em separar a religião interior da religião exterior; em acender a discórdia entre essas modalidades da crença. Isto ele tem feito com não pequeno resultado, entre os que “ignoram seus artifícios”. Muitos, em todas as épocas, tendo zelo de Deus, mas não segundo o entendimento, estritamente se apegaram à “justiça da lei”, ao cumprimento dos deveres externos, enquanto que totalmente menosprezaram a justiça interior - “a justiça que é de Deus mediante a fé”. Também muitos recaíram no extremo oposto, olvidando todas as obrigações exteriores, talvez “dizendo mal da lei e julgando a lei”, e isto com acrimônia proporcional às vantagens que a mesma lei assegura ao cumprimento daquelas obrigações.

2. Graças a esse engodo de Satanás, a fé e as obras se têm colocado freqüentemente em oposição recíproca. E muitos dos que têm um zelo real de Deus caem, por algum tempo; no laço que o tentador lhes arma, num ou noutro sentido. Alguns encareceram a fé até o extremo da exclusão das boas obras, não somente pelo fato de ela ser a causa de nossa justificação (porque sabemos que o homem é justificado livremente pela redenção que há em Jesus), mas porque as obras são o fruto necessário da fé e esta possui, ademais, lugar de destaque na religião de Cristo. Outros, pretendendo evitar esse perigoso engano, mais depressa incorrem na ilusão contrária, já sustentando que as boas obras são a causa, a condição prévia da justificação, já se referindo a elas como se fossem tudo em todas as coisas, a suma da religião de Jesus Cristo.

3. O fim da religião e seus meios se põem em conflito. Homens bem intencionados limitam toda sua religião ao hábito de acompanhar as orações da Igreja, receber os elementos da Ceia do Senhor, ouvir sermões, ler manuais de piedade, negligenciando, ao mesmo tempo, o fim de tudo isso, que é – o amor de Deus e do próximo. Essa mesma conduta tem levado outros á negligência, senão ao desprezo, das ordenanças de Deus, e tão desgraçadamente, que solapam e subvertem o próprio fim que elas foram destinadas a cumprir.

4. Dentre os meios de graça, todavia, dificilmente haverá um, que tenha levado os homens a caminhos tão descontraídos, como o de que fala nosso Senhor nas palavras acima citadas: refiro-me ao jejum em sentido religioso. Quanto o têm exaltado alguns, pondo-o mesmo acima de toda a Escritura e toda a razão – e quanto o têm inteiramente desprezado outros, vingando-se por assim dizer, em desvalorizá-lo, tanto quanto os primeiros o sublimam! Aqueles, falam do jejum como se fosse tudo em todas as coisas, como se fosse o próprio fim, ou, pelo menos, alguma coisa infalivelmente relacionada com o fim; estes, como se fosse nada, como se fosse um labor infrutífero, nenhuma relação tendo com a finalidade da religião. Certo é, todavia, que a verdade está a meio caminho desses extremos. Nem o jejum é tudo, nem é nada. Ele não o fim, mas é um meio precioso; um meio que o próprio Deus ordenou e, através do qual, se usado devidamente, o Senhor nos comunicará suas bênçãos.

Para colocar este assunto na mais clara luz, empenho-me em mostrar, primeiro, qual é a natureza do jejum e quais as suas várias espécies e graus; em segundo lugar, quais as suas razões, fundamentos e fins; em terceiro lugar, como podemos responder às mais plausíveis objeções levantadas contra ele; finalmente, de que maneira deve ser observado.

I

1. Esforçar-me-ei por mostrar, primeiro, qual é a natureza do jejum e quais as suas várias espécies e graus. Quanto à sua natureza, todos os escritores inspirados, tanto do Velho como do Novo Testamento, dão à palavra *jejuar* o sentido único de *não comer*, abster-se de alimentos. Isto é tão claro, que seria ocioso citar as palavras que Davi, de Neemias, de Isaías e de outros profetas, ou de nosso Senhor e seus apóstolos, todos concordes em que jejuar - é não comer por um tempo prescrito.

2. Outras circunstâncias usualmente se juntavam outrora à abstinência de alimentos, circunstâncias que nenhuma relação essencial tinham com o assunto, tais como o desalinho do vestuário, o abandono de ornatos em outras ocasiões usados, as lamentações, as cinzas derramadas sobre a cabeça e os vestidos de sacos. Encontramos, entretanto, no Novo Testamento, escassa referência a esses acessórios; nenhuma importância especial lhes dão os crentes das eras mais pura, posto que facultativamente alguns penitentes ainda a eles recorram, como sinais exteriores de íntimo quebrantamento. Muito menos os apóstolos e os cristãos seus contemporâneos usaram ferir ou flagelar a própria carne: tal disciplina somente iria bem aos sacerdotes e cultuadores de Baal. Os deuses pagãos não passavam de demônios; era, certamente, coisa agradável a seu deus satânico o fato de os sacerdotes (1Rs 18.28) “gritarem com alarido e ferirem-se até que o próprio sangue os cobrisse”, Mas isso nem pode ser aceitável àquele que “veio, não para destruir a vida dos homens, más para os salvar”, nem pode concorrer para que estes sejam seus discípulos.

3. Quanto aos graus ou medidas do jejum, temos exemplo de alguns que jejuaram por vários dias seguidos. Assim, registra-se que Moisés, Elias e nosso bendito Senhor, fortalecidos para este fim de vigor sobrenatural, jejuaram, sem interrupção, “quarenta dias e quarenta noites”. A duração que a Escritura

mais freqüentemente assinala ao jejum é, porém, a de um dia, da manhã à tarde. Essa era a prática geralmente mais observada entre os antigos cristãos. Ao lado do jejum assim compreendido, tinham também os meio-jejuns (*semi jejunia*, como são chamados por Tertuliano), no quarto e no sexto dia da semana (quartas e sextas-feiras), ao longo de todo o ano. Nesses dias não tomavam alimento algum até as três horas da tarde, hora em que regressavam do culto público.

4. Mais ou menos relacionado com. isso é o que nossa Igreja designa precisamente pelo termo *abstinência*, que pode ser praticada quando não se possa jejuar por completo, em razão de enfermidade ou de fraqueza física. Comer pouco, abster-se em parte, usar menor porção de alimentos do que de ordinário se use. Não ocorre nenhuma passagem nas Escrituras alusiva a tal prática, mas não a posso condenar, desde que a Escritura não o faz. Ela pode ter sua utilidade - e sem dúvida recebe a bênção de Deus.

5. A mais baixa espécie de jejum - se se pode aplicar-lhe este nome, - é a abstinência de manjares agradáveis. Disto temos vários exemplos na Escritura, salientando-se o de Daniel e seus irmãos, que, levados por motivos particulares, isto é, a intenção de “não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia” (uma razão diária lhes havia o rei atribuído), pediram e obtiveram do chefe dos eunucos, legumes para comer e água para beber (Dn 1.8ss). Talvez tenha decorrido dessa atitude, erroneamente imitada, o antiqüíssimo costume da abstenção de carne e de vinho durante o tempo consagrado ao jejum e à abstinência, - se porventura aquela prática não se originou da suposição de serem carne e vinho os mais agradáveis alimentos, sendo geralmente admitido que, nos dias solenes de refúgio em Deus, mais apropriado seria o uso do que fosse menos deleitável ao corpo.

6. Havia na Igreja Judaica certos jejuns estabelecidos, como o jejum do sétimo mês, instituído pelo próprio Deus para ser observado, sob as mais severas penas, por todo. o povo de Israel. “Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: O décimo dia deste mês será o dia soleníssimo das expiações: afligireis vossas almas - para fazer propiciação por vós diante do Senhor vosso Deus. Toda alma que não se afligir neste dia perecerá do meio de seu povo.” (Lv 23.26ss) Em épocas posteriores vários outros jejuns foram adicionados àquele. Assim o profeta Zacarias menciona não somente o jejum do “sétimo mês”, mas também os “do quarto, do quinto e do décimo mês”. (8.19)

Na antiga Igreja Cristã havia, do mesmo modo, jejuns estabelecidos, tanto anuais como semanais. Da primeira espécie eram os que precediam à Páscoa, guardados por alguns durante quarenta e oito horas, por outros durante a semana inteira, por muitos durante duas semanas, não tomando o jejuador alimento algum, até o entardecer de cada dia; da última espécie são os do quarto e do sexto dia da semana, observados (como Epifânio escreve, assinalando-o como fato inegável), em olh th oikoumenh *em toda a terra habitável*, pelo menos onde quer que os cristãos se estabeleçam.

Em nossa Igreja os jejuns anuais são “os quarenta dias da Quaresma, os dias de Têmporas nas quatro estações, os dias de Rogações e as Vigílias ou Vésperas de várias festas solenes; os semanais, todos os dias santos do ano, exceto o Natal”.

Ao lado, porém, dos jejuns estabelecidos, em todas as nações tementes a Deus sempre têm havido jejuns ocasionais, observados de tempos em tempos, segundo o requeiram as circunstâncias e as oportunidades. Assim, quando “os filhos de Moab e Os filhos de Amon se juntaram contra Josafá, para lhe fazer guerra, Josará se aplicou inteiramente a rogar ao Senhor, e fez publicar um jejum em todo o Judá”. (2Cr 20.1.3) E também “no quinto ano de Joaquim, filho de Josias, no nono mês”, quando estavam a temer o rei de Babilônia, os príncipes de Judá “proclamaram um jejum diante do Senhor a todo o povo que vinha de Judá a Jerusalém”. (Jr 36.9)

Do mesmo modo, as pessoas que, atentando para seu próprio caminho, desejam andar mais humilde e estreitamente com Deus, encontrarão freqüentes ocasiões, íntimas oportunidades para afligir a alma diante de seu Pai que está em secreto. É a essa espécie de jejum que se referem, principal e primariamente, as direções dadas em nosso texto.

II

1. Passo a expor, em segundo lugar, quais são os fundamentos, as razões e os fins do jejum.

E, primeiro, notemos ser comum que certos homens, encontrando-se debaixo de fortes emoções morais, dominados por alguma paixão veemente, como tristeza ou temor, - freqüentemente se deixam avassalar

por essas circunstâncias, esquecendo-se até de comer seu pão. Em tais ocasiões o homem tem escasso interesse pelo alimento, não só pelo que é necessário ao sustento do corpo, mas ainda menos pelos manjares finos e variados, mergulhando-se inteiramente em diversos pensamentos. Assim, quando Saul disse: “Estou traspasado de angústia, porque os filisteus fazem guerra contra mim e Deus de mim se ausentou”, recorda o escritor bíblico: “Ele não havia comido pão em todo aquele dia e em toda aquela noite”. (1Sm 28.15.20.) Também os que estavam no navio com Paulo, “quando uma grande tempestade tombou sobre eles e perdeu-se toda a esperança de que pudessem ser salvos”, “continuaram jejuando, nenhum alimento tendo tomado”, – nenhuma refeição regular, ao longo de catorze dias seguidos. (At 27.33) E ainda Davi “todos os homens que com ele estavam, ouvindo contar que o povo fora derrotado na batalha, e que muitos tinham sido feridos e mortos, e Saul e Jônatas seu filho também estavam mortos, “choraram, e prantearam, e jejuaram até a tarde, em atenção a Saul e Jônatas, e em atenção à casa de Israel”. (2Sm 1.12)

Os que têm a mente demasiadamente preocupada, muitas vezes se impacientam com qualquer interrupção e repelem mesmo a nutrição indispensável, encarando-a como coisa importuna que lhes vem desviar o pensamento, que desejariam sempre manter engolfado no objeto de suas cogitações. Exemplo disso temo-lo em Saul, na ocasião há pouco mencionada: tinha ele “tombado por terra e nele não havia forças”; e, contudo dizia: “Não comerei”, o que levava “seus servos, juntamente com as mulheres, a compelirem-no a comer”.

2. Eis aí, pois, o fundamento natural do jejum. Aquele que se encontra sob aflição profunda, subjugado pela tristeza do pecado e pela mais alarmante expectativa da ira de Deus, – sem qualquer regra, não sabendo nem considerando que se trate ou não de mandamento divino, “esquece-se de comer seu pão”, abstendo-se não apenas do alimento agradável, mas do alimento trivial e necessário; neste caso procede o homem como Paulo, que, conduzido a Damasco, “esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.” (At 9.9)

Sim, quando a tempestade alto se levanta, “quando um terror horrível sobrevém”, a arma daquele que estivera sem Deus neste inundo “aborrece toda a espécie de alimento”, considerando-o importuno e enfadonho; impacienta-se -com qualquer coisa que lhe interrompa o grito incessante: “Senhor, salva-me, ou eu pereço! “.

Este pensamento é firmemente expresso por nossa Igreja, na primeira parte da homilia sobre o jejum: “Quando os homens sentem sobre si o penoso fardo do pecado, vêem que a condenação é a sua recompensa e contemplam, com os olhos da consciência, o horror do inferno, – tremem, vacilam, são interiormente tocados de quebrantamento de coração e a ninguém podem acusar a não ser a si mesmos; descobrem sua dor ante o todo-poderoso Deus, a Ele pedem misericórdia. Sendo isto feito seriamente, o espírito se preocupa tanto (dominado, parte pela tristeza e ansiedade, parte pelo desejo profundo de libertar-se do perigo do inferno e da condenação), que todo desejo de comida e bebida se põe à margem, e em seu lugar vem a repugnância às coisas terrenas. e seus prazeres. Destarte nada lhes dá prazer senão chorar, lamentar-se, gemer, tanto em palavras audíveis como em atitudes que revelam estarem eles fatigados da existência”.

3. Eis outra razão ou fundamento do jejum: muitos *dos* que ora temem a Deus, mostram-se profundamente sensíveis à recordação da maneira por que contra Ele pecaram, pelo abuso das coisas lícitas. Reconhecem quanto pecaram por excessos de mesa; quanto transgrediram a santa lei de Deus, com respeito à temperança, senão também à sobriedade; quanto acariciaram os apetites sensuais, com prejuízo, talvez, da saúde do corpo – e ruína segura da própria alma. Por essa conduta eles continuamente alimentaram e avolumaram aquela maliciosa loucura, aquela excitação de intelecto, aquela leveza de temperamento, aquela alegre desatenção às coisas do mais profunda alcance, aquela vertigem e abstração de espírito, que outra coisa não eram senão embriaguez de alma, embriaguez que lhes anesthesiara as faculdades mais nobres, amortecendo-as como o fariam os excessos de vinho ou de outra bebida forte. Para remover, portanto, o efeito, eles removem a causa: põem-se longe de todos os excessos. Privam-se, tanto quanto possível daquilo que os havia mais ou menos mergulhado na perdição eterna. Refreiam-se com frequência e atentam sempre para a sobriedade e temperança em todas as coisas.

4. Igualmente se lembram muito bem de quanto a abundância de pão aumenta não só a sonolência e leveza de espírito, mas também os desejos insensatos e profanos, e até as afeições impuras e vis. Semelhante experiência não admite dúvida alguma. A sensualidade, de início normal e inócua, anda continuamente a materializar a alma, tendendo a nivelá-la com as bestas que perecem. Não se pode calcular o efeito que a variedade e o requinte dos prazeres da mesa têm sobre a mente e o corpo, fazendo o homem inclinar-se para todos os prazeres dos sentidos, tão logo a eles convida a oportunidade. Por isso, ainda sob este fundamento, todo homem prudente refreará sua alma, mantendo-a na humildade; afasta-la-á cada vez mais de todas as indulgências para com os apetites inferiores, que mui naturalmente procuram escravizá-la à terra, poluindo-a e degradando-a. Aí está outra razão perdurável para o jejum: suprimir o alimento da luxúria e da sensualidade, afastar os incitamentos aos desejos loucos e perigosos, às afeições baixas e fúteis.

5. Talvez tenhamos necessidade de não omitir de todo, (conquanto eu não saiba se faríamos bem em dar demasiada importância a isto), outra razão para o jejum, a qual tem merecido da parte de alguns homens piedosos a mais ardorosa Insistência: o Intuito de punição própria. Por ter abusado das boas dádivas de Deus, fazendo tornarem-se em pedra de tropeço as coisas que se destinavam a seu bem-estar, o homem, agora, se abstém inteiramente delas, exercendo assim uma espécie de piedosa vingança sobre si mesmo, em razão de sua conduta Ingrata e louca de outros tempos. Os que assim pensam, supõem que Davi tinha isso em vista quando disse: “Guardo e castigo”, ou puno, “minha alma com jejuns”; e Paulo faz o mesmo, quando menciona que “vingança” a piedosa tristeza operou nos Coríntios.

6. A quinta e mais poderosa razão para a observância do jejum é que ele constitui auxílio à oração, particularmente quando dedicamos tempo mais extenso à oração privada. Então é que Deus especialmente se compraz em elevar a alma de seus servos acima de todas as coisas da terra, arrebatando-a mesmo, algumas vezes, por assim dizer, até o terceiro céu. E é principalmente na qualidade de auxílio à oração que o jejum tem tão freqüentemente servido de meio, nas mãos de Deus, para confirmar e aumentar, não uma virtude, não apenas a castidade, (como alguns têm vãmente imaginado, sem qualquer apoio da Escritura, da razão ou da experiência), mas a seriedade de espírito; a penetração, a sensibilidade e a delicadeza de consciência; a indiferença para o mundo e, conseqüentemente, o amor de Deus e toda afeição celestial e santa.

7. Não há qualquer relação natural e necessária entre o jejum e as bênçãos que Deus comunica por meio dele. Mas o Senhor terá misericórdia *como* quiser ter misericórdia; Ele comunicará o que lhe pareça bom através do meio que lhe agrade escolher. E em todos os tempos Ele elegeu este meio – o jejum – para que sua ira se aplaque e obtenhamos, assim, as bênçãos de que de tempos em tempos tivemos necessidade. Quão poderoso meio seja o jejum para abrandar a ira de Deus, podemos verificá-lo da notável passagem de Acab. “Não havia ninguém como ele que se vendia” – totalmente se entre-gando, como escravo comprado, por dinheiro, – “a obras iníquas”. Quando, porém, ele “rasgou seus vestidos, vestiu-se de saco e jejuou, e se mostrou quebrantado, a palavra do Senhor veio a Elias, dizendo: Vês como Acab se humilha diante de mim? Porque ele se humilhou diante de mim, não trarei o mal em seus dias”. (1Rs 21.25-29) . Foi para este fim - abrandar a ira de Deus - que Daniel buscou ao Senhor “com jejum, saco e cinzas”. Isto ressalta de todo o teor de sua oração, principalmente das palavras finais: “ó Senhor, segundo toda tua justiça”, ou misericórdia, “aparte-se tua ira de teu santo monte. Ouve a oração de teu servo, e sobre o teu santuário, que está desolado, faze reluzir a tua face. Ó Senhor, ouve; Ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e põe mãos à obra, por amor de ti mesmo”. (Dn 9.3, 16ss)

8. Não é, entretanto, apenas com o povo de Deus que aprendemos a buscar ao Senhor com jejum e oração, quando sua ira se acende: também os pagãos assim faziam. Quando Jonas profetizou: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”, o povo dessa cidade proclamou um jejum e vestiu-se, de saco, desde o maior deles até o mais humilde. “E o rei de Nínive se levantou do seu trono, e tirou de si os seus vestidos, e cobriu-se de saco, e assentou-se sobre a cinza. Depois fez clamar por toda a parte, e publicar em Nínive esta ordem: os homens e as alimárias, e os bois e as ovelhas, não comam nada; e eles não sejam levados a pastar, nem se lhes dê a beber água” (não que os animais tivessem pecado ou fossem capazes de arrependimento; mas para que, pelo exemplo deles, fosse o homem admoestado, considerando que, por

sua transgressão, a ira de Deus estava suspensa sobre todas as criaturas.): “Quem sabe se se voltará Deus para nos perdoar, e aplacará Ele o furor de sua ira, de sorte que nós não pereçamos?” E seu labor não foi em vão. A tremenda cólera de Deus se apartou deles. “Deus viu suas obras” (os frutos de arrependimento e fé que o Senhor infundira nos ninivitas pela pregação de seu profeta); “e Deus se compadeceu deles, para não lhes fazer o mal que tinha resolvido fazer, e com efeito não lho fez” (Jn 3.4ss)

9. O jejum é meio, não somente de apaziguar a ira de Deus, mas de atrair também quaisquer bênçãos de que tivermos necessidade. Assim, quando as outras tribos foram feridas diante dos Benjamitas, “todos os filhos de Israel vieram à casa de Deus e choraram, jejuando aquele dia até a tarde”; e então disse o Senhor, “Subi” de novo; “porque amanhã eu os entregarei nas tuas mãos”, (Jz 20.26) Assim, quando Israel estava escravizado aos filisteus, Samuel reuniu seu povo “e eles jejuaram aquele dia” perante o Senhor: e quando “começaram os filisteus o combate contra Israel, o Senhor tropejou” contra eles, “com um estrondo espantoso, e os aterrorizou, e foram derrotados diante de Israel”. (1Sm 7.6) Assim Esdras: “E estando junto ao rio Aava, publiquei ali um jejum para nos humilharmos diante do Senhor nosso Deus, e para lhe pedirmos uma feliz jornada para nós e para nossos filhos, e para tudo que levávamos conosco” (8.21). Assim Neemias: “Jejuei e orei na presença do Deus do céu e disse: conduze hoje o teu servo e fá-lo achar misericórdia diante deste homem”: e Deus fez que achasse misericórdia à vista do rei. (1:4-11)

10. De modo semelhante, os apóstolos sempre uniam o jejum à oração, ao pedirem a bênção de Deus para algum empreendimento de vulto excepcional. Assim, lemos (At 13. 1-3): “Havia na igreja de Antioquia profetas e doutores: enquanto eles ministravam perante o Senhor e jejuavam”, indubitavelmente para suplicar inspiração nesse serviço, “disse-lhes o Espírito Santo: separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. E depois que jejuaram” pela segunda vez, “oraram e lhes impuseram as mãos, despedindo-os”.

Paulo e Barnabé, por sua vez, como lemos no capítulo seguinte, “quando voltaram de novo para Listra, Icônio e Antioquia, confirmando as almas dos discípulos, ao ordenar-lhes presbíteros, em cada igreja, oraram com jejuns, encomendados ao Senhor”. (At 14.23)

Que há bênçãos que se alcançam através da observância do jejum, não sendo conferidas por nenhum outro meio, declara-o expressamente nosso Senhor, em sua resposta à interrogação dos discípulos: “Por que não pudemos nós expulsá-lo? Jesus lhes respondeu: Por causa da vossa incredulidade. Porque na verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. Mas esta casta de demônios não se lança fora senão à força de oração e de jejum” (Mt 17.19 e 20): sendo este o meio ordenado de alcançar aquela, fé, em virtude da qual os próprios demônios se vos submetem.

11. Este é o meio indicado, pois não é meramente pela luz da razão, ou da consciência natural, como é chamada, que o povo de Deus tem sido estimulado a usar o jejum como meio de alcançar aqueles fins, mas o próprio Deus, falando de tempos em tempos, lho ensinou, através de claras e patentes revelações de sua vontade. Entre essas notáveis revelações se inscreve a do profeta Joel: “Agora, pois, diz o Senhor, convertei-vos a mim de todo o vosso coração, em jejum, e em lágrimas, e em gemidos: quem sabe se quererá Ele volver-se para vós, e perdoar-vos, e deixar após si alguma bênção? Fazei soar a trombeta em Sião, santificai um jejum, convocai uma santa assembléia: então o Senhor será zeloso de sua terra e terá piedade de seu povo. Eis aí vou eu a enviar-vos trigo, vinho e azeite: e eu não vos entregarei mais ao insulto dos gentios”. (Jl 2.12ss)

Não são apenas bênçãos temporais que Deus incita seu povo a esperar através do uso dos meios em apreço, pois, ao mesmo tempo que promete aos que o buscarem com jejum, e pranto, e lamentação: “Eu vos recompensarei os anos cujos frutos comeu o gafanhoto, o vale e a ferrugem, e a lagarta, este meu poderoso exército”, Deus acrescenta: “comereis e vos fartareis, e louvareis o nome do Senhor vosso Deus. Vós sabereis então que eu estou no meio de Israel e que sou o Senhor vosso Deus”. E segue-se então a grande promessa evangélica: “Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, e os vossos anciãos serão instruídos por sonhos, e os vossos mancebos terão visões”.

12. Quaisquer que sejam as razões que haja para reviver as lições do passado, no zeloso e constante

cumprimento desse dever, temo-las, de igual prestígio, no presente, para afervorar-nos na mesma prática. Mas, acima de tudo aquilo, temos uma razão particular para a observância dos “jejuns freqüentes”: temos o mandamento daquele cujo nome trazemos. Ele não ordena expressamente, em verdade, na passagem citada, nem o jejum, nem as esmolas ou a oração; mas suas direções acerca do modo *como* jejuar, dar esmolas e orar, têm a mesma força que teria o mandamento expresso. Mandar que façamos uma coisa *deste modo* é uma ordem irretorquível para que a façamos, visto que seria impossível cumpri-la de *certo modo* dado, se ela não se devesse cumprir em absoluto. Conseqüentemente, dizendo: “Dai esmolas, orai, jejuai *de tal maneira*”, transmite-nos o Mestre um claro mandamento no sentido de que se cumpram todos esse, deveres, e que se cumpram daquela *maneira*, que, de modo nenhum ficará sem sua recompensa. E isso constitui ainda um motivo novo e um encorajamento à prática daquele dever, havendo, ademais, a promessa que nosso Senhor graciosamente anexou ao reto cumprimento de tal dever: “Teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente”. Tais são as bases evidentes, as razões e os fins do jejum; aí está o incentivo à perseverança na sua prática, não obstante a abundância de objeções que contra ela continuamente argüem certos homens, mais sábios do que seu próprio Senhor.

III

1. Passo agora a considerar as mais plausíveis dentre essas objeções.

Primeiramente, diz-se com freqüência: “Abstenha-se o cristão do pecado, e não da comida: isto é o que o Senhor exige”. Tal é, na verdade, a exigência do Senhor; mas Ele exige também outro gênero de abstinência. Assim sendo, deve esta obra ser feita, sem que se deixe de fazer aquela.

Reduzi vosso argumento a suas devidas proporções e avaliareis facilmente da plausibilidade que ele tem: Se o cristão deve abster-se do pecado, então não deve abster-se de alimento;

Mas o cristão deve abster-se do pecado:

Logo, ele não deve abster-se de alimento.

Que o cristão deva abster-se de pecado, é mais do que evidente; mas, como se há de concluir daí que não deva abster-se de alimento? Ora, faça ele uma outra coisa. Sempre se abstenha, pela graça de Deus, do pecado, – e prive-se, com freqüência, do alimento, porque para isto há razões e objetivos com os quais a experiência e a Escritura respondem vitoriosamente àquela objeção.

2. “Mas não é melhor (como, em segundo lugar, se tem objetado), abster-se de orgulho e vaidade, de impertinência, é rancor, e descontentamento, do que de comida?” Assim deve ser, sem dúvida. Todavia, temos outra vez necessidade de vos lembrar as palavras de nosso Senhor: “Deveis fazer estas coisas, sem, entretanto, omitirdes aquelas”. E, na verdade, aquelas abstinências se, relacionam com esta, que é meio através do qual se alcançam aqueles grandes fins. Abstemo-nos de alimento com a intenção de que, pela graça de Deus comunicada às nossas almas através desses meios exteriores, em ligação com todos os outros canais de sua graça, por Ele mesmo estabelecidos, possamos habilitar-nos à abstinência de toda paixão e todo impulso natural que não sejam agradáveis à vista do Pai. Refreamo-nos de um para que, fortalecidos pelo poder do Alto, possamos ser capazes de refrear-nos do outro, de modo que vosso argumento prova exatamente o contrário do que pretendíeis: prova que devemos jejuar. Porque, se devemos abster-nos de desejos e tendências pecaminosos, então devemos abster-nos também de alimento, uma vez que esses pequenos exemplos de renúncia são os caminhos por Deus escolhidos para por eles comunicar-nos aquela grande salvação.

3. “Não verificamos, entretanto, que assim seja na realidade (esta é a terceira objeção): temos jejuado muito e com freqüência; mas, com que proveito? Não somos em nada melhores; não alcançamos bênçãos por semelhante meio. Ao contrário: nele mais depressa encontramos um tropeço elo que um auxílio. Em lugar de prevenir a ira, por exemplo, ou a irritação, o jejum nos tem sido um meio de aumentá-las a tal ponto, que nem suportamos aos outros, nem a nós mesmos”. Este pode ser mui possivelmente o caso. É possível que tanto o jejum como a oração vos tornem muito piores do que dantes, mais desesperados e mais profanos. A culpa não está, contudo, nos meios em si, mas no modo por que são usados. Usai-os outra vez, mas usai-os de diferente maneira. Fazei o que Deus manda *como* Ele manda; e então indubitavelmente sua promessa se cumprirá sem falta; sua bênção não tardará em vos ser comunicada; e afinal, quando jejuardes em secreto, “Aquele que vê em secreto vos retribuirá publicamente”.

4. “Não será mera superstição imaginar que Deus olhe para coisas tão pequeninas como estas?” – tem-se, em quarto lugar, objetado. Se dizeis isto, condenais todas as gerações de filhos de Deus. Quereis dizer que todos esses fiéis eram homens fracos, supersticiosos? Teríeis a ousadia de afirmar isto de Moisés e Josué, de Samuel e Davi, de Josafá, Esdras, Neemias e todos os profetas? Mais ainda: do maior do que todos – o próprio Filho de Deus? É certo que, tanto nosso Mestre como todos aqueles servos seus, não pensaram que O jejum fosse coisa insignificante, tanto que Deus, que é mais alto do que as alturas, atenta para ele. Do mesmo parecer, é claro, eram todos os seus apóstolos, “depois que foram cheios do Espírito Santo e de sabedoria”. Quando eles obtiveram a “unção do Santo, ensinando-lhes todas as coisas”, ainda assim confirmavam seu caráter de ministros de Deus, tanto “por jejuns”, como “pelas armas da justiça, trazidas à mão direita e à esquerda”. Depois “que o noivo lhes foi arrebatado, então jejuaram naqueles dias”. Nem queriam eles empreender qualquer ação, (como vimos acima), em que a glória de Deus estivesse envolvida, como o envio de trabalhadores rumo à seara, sem jejum solene e oração.

5. “Se o jejum é, na verdade, de tão grande importância, e encarado como tão grande bênção - dizem alguns, em quinto lugar - não é melhor jejuar sempre? Em lugar de praticá-la de quando em quando, não será melhor guardar um jejum contínuo; usar de tanta abstinência, em todos os tempos, quanto o tolere o vigor de nosso corpo?” Ninguém se desalente de fazer assim. Por todos os meios usai alimento escasso e simples; exercitai-vos na renúncia própria, em todos os tempos, na medida em que o suportar vosso vigor corporal. E isto pode conduzir, pela graça de Deus, a vários dos grandes fins mencionados acima. Pode ser um auxílio considerável, não só à castidade, mas à santidade de espírito e ao desapego de vossas afeições às coisas cá de baixo, transferindo-as às coisas lá de cima. Mas isto não é jejum, jejum bíblico; nunca é chamado por este nome em toda a Bíblia. Corresponde, em certo sentido, aos fins do jejum; mas este é ainda outra coisa. Praticai-o por todas as formas, mas não a ponto de colocar de lado, por meio dessa prática, um, mandamento de Deus, um meio instituído para prevenir seus juízos e obter as bênçãos reservadas a seus filhos.

6. Usai continuamente de tanta abstinência quanto quiserdes, pois que isto não é senão a temperança cristã; mas que a temperança não se confunda jamais com a observância dos tempos solenes de jejum e oração. Por exemplo: vossa abstinência ou temperança habitual não vos inibirá de jejuar em secreto, se vos sentirdes subitamente esmagados sob o peso de imensa tristeza e remorso, acompanhados de terror e espanto. Semelhante estado de espírito quase vos forçaria a jejuar: aborreceríeis vosso alimento diário; dificilmente suportaríeis mesmo a ração pequenina, de todo indispensável ao sustento do corpo, até que Deus, “tirando-vos do tenebroso abismo e firmando vossos pés sobre a rocha, aplainasse vossas veredas”. O caso seria o mesmo se estivésseis em agonia de desejo, lutando fervorosamente com Deus para serdes por Ele abençoados. Não teríeis necessidade alguma de que alguém vos ensinasse a não comer pão, até que tivésseis obtido resposta à súplica de vossos lábios.

7. Mais: se tivésseis estado em Nínive, quando se proclamou através da cidade inteira: “Que nenhum homem ou animal, gado ou rebanho, toque qualquer coisa; não comam nem bebam água, mas com força clamem ao Senhor Deus!” - vosso jejum contínuo teria sido uma forte razão para que não tomásseis parte na humilhação geral? Indubitavelmente, não. Estaríeis inteiramente dispostos, como outro qualquer, a não tomar alimento naquele dia.

Jamais a abstinência, ou a observância do contínuo jejum, escusou a qualquer dos filhos de Israel do dever de jejuar no décimo dia do sétimo mês, a grande festa anual da Expição. Não havia exclusão de ninguém naquele decreto solene: “A alma que não se afligir”, que não jejuar “naquele dia, será exterminada do meio de seu povo”.

Finalmente, se estivésseis com os irmãos em Antioquia, ao tempo em que eles jejuavam e oravam antes da partida de Barnabé e Saulo, poderíeis imaginar fosse possível que vossa temperança ou abstinência constituísse razão suficiente para não vos unirdes a eles? Se o não fizésseis, teríeis sem dúvida alguma sido expulsos do meio deles, como elementos que trazem confusão à Igreja de Deus.

IV

1. Mostrarei, por último, de que maneira devemos jejuar, para que o jejum se torne em serviço aceitável ao Senhor. Em primeiro lugar, seja ele praticado na presença de Deus, com nossos olhos simples fixados

nele. Seja nossa intenção, nossa intenção única, glorificar a nosso Pai que está nos céus; expressar nossa tristeza e vergonha pelas multiformes transgressões de sua santa lei; esperar por um aumento de graça purificadora, erguendo nossas afeições até às coisas do alto; adicionar seriedade e fervor às nossas orações; abrandar a ira de Deus e obter todas as grandes e gloriosas promessas que Ele nos fez em Cristo Jesus.

Guardemo-nos de zombar de Deus, convertendo nosso jejum, assim como nossas orações, em abominação ao Senhor, pela mistura de qualquer pensamento temporal, particularmente pela ânsia de agradar aos homens. Contra isto nosso bendito Senhor mais especialmente nos adverte nas palavras do texto:

“Quando jejuardes, não sejais como os hipócritas” - tais eram muitos dentre os que eram chamados povo de Deus – “de ar triste”, rosto áspero, afetadamente sombrio, dardejando olhares de modo peculiar. “Porque eles desfiguraram o rosto”, não somente por meio de contorções artificiosas, mas cobrindo-o de pó e cinzas, “para mostrar aos homens que jejuam”: este é o seu principal, senão mesmo o seu único desígnio. “Em verdade vos digo que eles já receberam sua recompensa”, isto é, a admiração e o aplauso dos homens. “Mas tu, quando jejuas, unge tua cabeça e lava o teu rosto”, fazendo como estás acostumado a fazer em outras ocasiões, “para não pareceres aos homens que jejuas”, para que isto não seja parte de tua intenção; se eles o souberem, sem nenhum desejo de tua parte, não importa; tu não és melhor nem pior; “mas a teu Pai que está em secreto: e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente”.

2. Se desejamos, porém, tal recompensa, guardemo-nos, em segundo lugar, de supor que *merecemos* alguma coisa de Deus por nosso jejum. Não podemos estar demasiadamente vigilantes a este respeito, uma vez que o desejo de estabelecer nossa própria justiça, procurando a salvação como pagamento e não de graça, tão profundamente enraizado está em nossos corações. O jejum é apenas um caminho que Deus ordenou, no qual esperamos em sua imerecida misericórdia, e no qual, sem nenhum merecimento de nossa parte, Ele prometeu livremente: dar-nos: sua bênção.

3. Não imaginemos que a realização do simples ato externo atrairá qualquer bênção de Deus. “É o jejum que eu escolhi: o Senhor, um dia para o homem afligir sua alma? Consiste ele em o homem encurvar a cabeça como um junco, vestir-se de saco e semear cinzas sobre si?” Esses atos exteriores, ainda quando estritamente observados, são tudo quanto se contém na expressão “afligir a própria alma?” - “Queres tu chamar a isto um jejum, e um dia aceitável ao Senhor?” Não, por certo: Se ele for um mero serviço exterior, será tudo, inclusive um trabalho perdido; tal prática possivelmente pode afligir o corpo, mas, quanto à alma, nada lhe aproveita.

4. Sim, pode o corpo ser algumas vezes bastante quebrantado, a ponto de se tornar inapto para as obras de nossa profissão. Contra isto devemos também guardar-nos diligentemente; porque devemos preservar a saúde, que é uma boa dádiva de Deus. Deve-se ter todo cuidado, toda vez que se jejue, em guardar proporção entre a abstinência e a resistência física. Não podemos oferecer a Deus suicídio como sacrifício, nem podemos destruir o corpo para auxílio da alma.

Mas, em ocasiões solenes, ainda que estejamos em grande fraqueza, não devemos recair no outro extremo, porque Deus condenou os que, na antigüidade, contenderam com o Senhor acerca da não aceitação de *seus* jejuns. “Não é assim que jejuamos, disseram eles, e tu não viste? Eis que, no dia de vosso jejum, procurais o prazer, diz o Senhor.” Se não pudermos abster-nos totalmente de alimento, podemos, pelo menos, abster-nos de manjares delicados; e então não buscaremos em vão a sua face.

5. Tenhamos cuidado em afligir nossa alma, do mesmo modo que nosso corpo. Toda ocasião de jejum público ou privado seja um tempo destinado ao exercício daquelas santas afeições que implicam num coração contrito e humilhado. Seja uma época de lágrimas devotas, de piedosa tristeza acerca do pecado, tristeza como a dos Coríntios, a respeito da qual o apóstolo disse: “Agora me regozijo, não de que fostes entristecidos, mas em que vos entristecestes para o arrependimento; porque fostes entristecidos segundo Deus, para que de nossa parte em nada fosseis prejudicados. Porque a tristeza piedosa” (h kaga qeon luph - a tristeza que é segundo Deus; que é um precioso dom de seu Espírito, levando a alma a Deus, de quem ela procede), produz arrependimento para a salvação, o qual não traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte”. Sim, que nossa tristeza, de espécie piedosa, opere em nós o mesmo *arrependimento*

interno e externo; a mesma inteira mudança de coração, renovado segundo a imagem de Deus, em justiça e verdadeira santidade; e igual mudança de vida, até que sejamos santos como Deus é santo, em toda maneira de conversação. Opera ela em nós o mesmo cuidado de sermos achados no Senhor, sem mácula e sem culpa; a mesma *pureza*, atentada menos por nossas palavras do que por nossas vidas, pela nossa abstenção de toda aparência do mal; a mesma *indignação*, ou veemente aborrecimento de todo pecado; o mesmo *temor* de nossos corações decepcionantes; o mesmo *desejo* de em todas as coisas nos conformarmos à santa e aceitável vontade de Deus; o mesmo *zelo* por tudo quanto possa ser instrumento de sua glória e de nosso crescimento no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo; e a mesma *oposição* a Satanás e a todas as suas obras, contra toda corrupção da carne e do espírito. (2Co 7.9ss.)

6. Juntemos ao jejum, em todos os tempos, nossas orações fervorosas, derramando nossa alma inteira diante de Deus, con-fessando nossos pecados com todas as suas agravantes, humilhando-nos debaixo de sua mão poderosa, pondo diante dele todas as nossas lacunas, todas as nossas culpas e toda a nossa desesperança. Essa é a época de alongarmos nossas orações, em nosso proveito e a bem de nossos irmãos. Lamentemos agora os pecados de nosso povo e clamemos forte pela cidade de nosso Deus, para que o Senhor reconstrua Sião e faça de novo brilhar sua face sobre suas desolações. Assim – temo-lo observado – faziam os homens de Deus, nos velhos tempos, sempre consorciando oração e jejum; assim fizeram os apóstolos, em todas as passagens acima citadas; assim nosso Senhor os reúne no discurso presente.

7. Resta somente, para que nossa observância de um tal jejum seja aceitável ao Senhor, que a ele adicionemos esmolas, obras de misericórdia, segundo nossas posses, tanto em benefício do corpo, como em proveito da alma de nosso próximo. “Com tais sacrifícios” também “Deus se agrada”. Assim o declarou o anjo a Cornélio, jejuando ele e orando em sua casa: “Tuas orações e tuas esmolas subiram para lembrança diante de Deus,” (At 10.4) Assim o declara expressa e francamente o próprio Deus: “Acaso não é antes esse o jejum que eu escolhi? Rompe as ligaduras da impiedade, desata os feixinhos que deprimem, deixa ir livres aqueles que estão quebrantados, e rompe toda a carga. Parte o teu pão com o que tem fome, e introduze em tua casa os pobres e os peregrinos; quando vires o nu, cobre-o, e não desprezes a tua carne. Então romperá a tua luz como a aurora, e a tua saúde mais depressa nascerá, e a tua justiça irá diante de tua face, e a glória do Senhor te recolherá. Então invocarás tu o Senhor, e Ele te atenderá; tu clamarás a Ele, e Ele te dirá: Eis-me aqui. Se”, quando jejuares, “esvaziare a tua alma para o faminto e satisfizeres a alma aflita, então se levantará tua luz na obscuridade e tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia. E o Senhor te guiará continuamente, e encherá tua alma de resplendores, e livrará os teus ossos, e serás como um jardim de regadio, e como uma fonte de águas, cujas águas jamais faltarão”. (Is. 58.6ss).

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 27

- P. 1. (§ 1). Que tem Satanás tentado fazer?
- P. 2. (§ 2). Quais os princípios que, por esse meio, se tem colocado em conflito?
- P. 3. (§ 3). Que se diz do fim e dos meios em religião?
- P.4. (§ 4). A que extremos se tem chegado no tocante ao jejum?
- P. 5. (I. 1). Que se propõe em primeiro lugar?
- P. 6. (1.2). Que circunstâncias usualmente se juntavam, nos tempos antigos, ao jejum?
- P. 7. (I. 3). Que exemplos são aduzidos acerca dos graus ou das medidas do jejum?
- P. 8. (I. 4). Que se diz da abstinência?
- P. 9. (I. 5). Qual é amais baixa espécie de jejum?
- P. 10. (I. 6). Que se diz dos jejuns estabelecidos?
- P. 11. (II. I). Que se propõe em segundo lugar?
- P 12. (II. 2). Qual é o fundamento natural do jejum?
- P. 13. (II. 3). Que outro fundamento aí se apresenta?
- P 14. (II. 4). Que se diz do excesso de alimento?
- P 15. (II. 5). Que outra razão para o jejum se apresenta aí? Deve-se dar relevo a tal razão?

- P. 16. (II. 6). Qual é a quinta razão?
- P. 17. (II. 7). Há alguma relação natural ou necessária entre o jejum e as bênçãos alcançadas por ele?
- P. 18. (II. 8). Outros, além do povo de Deus, usaram esses meios? Que exemplo é dado?
- P. 19. (II. 9). Que se diz aí do jejum como meio?
- P. 20. (II. 10). Que é, pelos apóstolos, sempre associado ao jejum?
- P. 21. (II. 11). Que se diz ai desses meios estabelecidos?
- P. 22. (II. 12). Essas condições se aplicam a nós?
- P. 23. (III. 1). Qual é a primeira objeção considerada?
- P. 24. (III. 2). Qual é a segunda?
- P. 25. (III. 3). Qual é a terceira?
- P. 26. (III. 4). Qual é a quarta?
- P. 27. (III. 5). Que se diz do jejum contínuo?
- P. 28. (III. 6). Que nome tem essa abstinência?
- P. 29. (III. 7). Que exemplo é dado para provar que a temperança cristã não nos dispensa do jejum?
- P. 30. (IV. 1). Que se propõe aí?
- P. 31. (IV. 2). Que se diz dos méritos do jejum?
- P. 32. (IV. 3). A mera realização de um ato exterior merece benção da parte de Deus?
- P. 33. (IV. 4). Como devemos guardar-nos de afligir demasiadamente o corpo?
- P. 34. (IV. 5). Que se diz do afligir a alma?
- P. 35. (IV. 6). Que devemos sempre adicionar ao jejum?
- P. 36. (IV. 7). Que devemos, finalmente, acrescentar?